



O Cuidado de Si na “Vida Secreta dos Objetos”: uma perspectiva transdisciplinar em Educação Ambiental¹

Elielson Bernardino²

Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-4701-5993>

Paulo Rogério Melo de Oliveira³

Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) – Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-0311-8349>

José Matarezi⁴

Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-6890-8811>

Resumo: Este artigo revisita a abordagem transdisciplinar Trilha da Vida (TdV) de formação em Educação Ambiental e a instalação Vida Secreta dos Objetos (ViSO), aproximando-a da noção foucaultiana de cuidado de si em diálogo com as epistemologias ecológicas. A TdV integra arte e ciências para provocar experiências estéticas e vivências ecoformativas que rompem dicotomias e estimulam subjetividade crítica, alinhando-se aos princípios da Educação Ambiental crítica e transformadora. A ViSO utiliza objetos cotidianos como gatilhos mentais que evocam memórias afetivas, numa jornada estética reflexiva mediada por tecnologia. Adotou-se metodologia qualitativa (estudo de caso), centrada nas vozes de uma turma de mestrandos em educação, explorando as interfaces entre memória, identidade e formação ética. Os resultados indicam que a experiência ViSO, ao promover autoconhecimento e responsabilização socioambiental, exemplifica uma estética da existência em ação. Concluímos que articular o cuidado de si foucaultiano com narrativas autobiográficas e práticas estéticas pode potencializar valores éticos e pedagogias emancipatórias voltadas à formação do sujeito ecológico e à desconstrução de saberes fragmentados na transição para sociedades sustentáveis.

Palavras-chave: Vida Secreta dos Objetos. Trilha da Vida. Cuidado de Si. Educação Ambiental Crítica. Estética da Existência.

¹ Recebido em: 21/07/2025. Aprovado em: 09/11/2025.

² Graduado em Relações Internacionais e mestre em Políticas Públicas (UNIVALI). E-mail: elielson@edu.univali.br

³ É doutor em História e professor dos cursos de graduação em História e Relações Internacionais e dos programas de graduação em Educação (PPGE) e Administração (PPGA), da UNIVALI. E-mail: paulo_rmo@hotmail.com

⁴ É Professor-Pesquisador-Extensionista da UNIVALI, onde coordena projetos de pesquisa-ensino-extensão no Laboratório de Educação Ambiental (LEA) da Escola Politécnica. Atua há mais de 30 anos com os movimentos socioambientais desenvolvendo pesquisas e metodologias nos campos da Educação Ambiental (EA) e da Arte-Educação-Ambiental (AEA) para a Gestão Participativa de Políticas Públicas. E-mail: jmatarezi@univali.br

El Cuidado de Sí en la “Vida Secreta de los Objetos”: una perspectiva transdisciplinaria en Educación Ambiental

Resumen: Este artículo revisita el enfoque transdisciplinario Sendero de Vida (TdV) de formación en Educación Ambiental y la instalación Vida Secreta de los Objetos (ViSO), acercándola a la noción foucaultiana de cuidado de sí en diálogo con las epistemologías ecológicas. El TdV integra arte y ciencias para provocar experiencias estéticas y vivencias ecoformativas que rompen dicotomías y estimulan la subjetividad crítica, alineándose con los principios de la Educación Ambiental crítica y transformadora. El ViSO utiliza objetos cotidianos como disparadores mentales que evocan memorias afectivas, en un viaje estético reflexivo mediado por tecnología. Se adoptó una metodología cualitativa (estudio de caso), centrada en las voces de un grupo de estudiantes de maestría en educación, explorando las interfaces entre memoria, identidad y formación ética. Los resultados indican que la experiencia ViSO, al promover el autoconocimiento y la responsabilidad socioambiental, ejemplifica una estética de la existencia en acción. Concluimos que articular el cuidado de sí foucaultiano con narrativas autobiográficas y prácticas estéticas puede potenciar valores éticos y pedagogías emancipatorias dirigidas a la formación del sujeto ecológico y a la deconstrucción de saberes fragmentados en la transición hacia sociedades sostenibles.

Palabras Clave: Vida Secreta de los Objetos. Sendero de Vida. Cuidado de Sí. Educación Ambiental Crítica.

The Care of the Self in “The Secret Life of Objects”: a transdisciplinary perspective in Environmental Education

Abstract: This article revisits the transdisciplinary approach Path of Life (PoL) for training in Environmental Education and the installation Secret Life of Objects (SLoO), bringing it closer to the Foucaultian notion of care of the self in dialogue with ecological epistemologies. The PoL integrates art and science to provoke aesthetic experiences and eco-formative experiences that break down dichotomies and stimulate critical subjectivity, aligning with the principles of critical and transformative Environmental Education. The SLoO uses everyday objects as mental triggers that evoke affective memories, in a reflective aesthetic journey mediated by technology. A qualitative methodology (case study) was adopted, centered on the voices of a group of master's students in education, exploring the interfaces among memory, identity, and ethical formation. The results indicate that the SLoO experience, by promoting self-knowledge and socio-environmental responsibility, exemplifies an aesthetics of existence in action. We conclude that articulating the Foucaultian care of the self with autobiographical narratives and aesthetic practices can enhance ethical values and emancipatory pedagogies aimed at forming the ecological subject and deconstructing fragmented knowledge in the transition toward sustainable societies.

Keywords: Secret Life of Objects. Path of Life. Care of the Self. Critical Environmental Education.

INTRODUÇÃO

A “Trilha da Vida (TdV): (Re)Descobrindo a Natureza com os Sentidos” é uma abordagem metodológica de formação em Educação Ambiental (EA), Educação Patrimonial e Arte-Educação-Ambiental. É composta por quatro tipos de instalações de Arte e Ciência que constituem um percurso de ecoformação: 1. Trilha da Vida Fixa, em ambientes típicos dos biomas brasileiros; 2. Trilha da Vida Móvel, instalada em tendas, centros de eventos e galerias; 3. Caminhos de Encontros e Descobertas, em parques, jardins, praças e áreas verdes urbanas; e 4. Vida Secreta dos Objetos, em salas de aula, auditórios e ambientes virtuais de aprendizagem (Matarezi, 2001; 2005; 2017; 2024).

O percurso de ecoformação (em média 30 horas, com grupos de 10 a 30 participantes) é inicializado, ou melhor dizendo, é ativado, por experiências estéticas/performances em uma destas quatro instalações que se desdobram em encontros eco[trans]formadores⁵ até que se complete todas as atividades da abordagem metodológica TdV. Por meio das instalações que combinam natureza, arte e memória cultural, a TdV propõe vivências educativas e experiências estéticas que integrem saberes científicos e artísticos, configurando uma prática transdisciplinar que busca reconectar sujeitos ao ambiente e a si mesmos, cultivando a sensibilidade e a criatividade em diferentes expressões e linguagens.

Segundo Matarezi *et al.* (2023), as atividades de percepção sensorial, performances, vivências e experiências estéticas e discursivas, contribuem para a construção de conhecimentos sensíveis (subjetividade/intersubjetividade) e inteligíveis, determinantes nos processos de formação em Educação Ambiental, Educação Patrimonial, Arte-Educação-Ambiental, cidadania e gestão participativa. Nesse contexto, a instalação Vida Secreta dos Objetos (ViSO) convida participantes a mergulhar em seu cotidiano, usando objetos familiares como mediadores para ativar narrativas e afetos pessoais. Inspirando-se na Teoria da Atividade, de Vygotsky e Luria (1987), nos “sociotransmissores” (Candäu, 2009) das relações humanas com o mundo e nos “círculos de cultura” e mediação de Paulo Freire (1993), a ViSO valoriza a experiência vivencial e dialógica em contraposição ao ensino meramente expositivo, cognitivista e representacional.

Propomos neste artigo aproximar a experiência da ViSO com a noção foucaultiana de cuidado de si (Foucault, 2019), em diálogo com as epistemologias ecológicas (Steil; Carvalho, 2014), para refletir sobre a formação de sujeitos críticos e socioambientalmente conscientes. Nos seus últimos trabalhos, voltados para os estudos da ética, Michel Foucault dirigiu o olhar para as práticas de si greco-romana, nomeadas de “cuidado de si”, como caminho para constituir o sujeito ético e estético da própria vida. Já as epistemologias ecológicas, ao se contraporem à perspectiva representacional, propõem a penetração simétrica de mundos humanos e não humanos, criando, recriando

⁵ Matarezi (2024) utiliza o termo “eco[trans]formador” para abranger a complexidade, a inter e a transdisciplinaridade, a dialogicidade e a transversalidade inerentes aos processos formativos em Educação Ambiental crítica e transformadora desencadeados pela abordagem Trilha da Vida. Em várias ocasiões do percurso eco[trans]formador, constitui-se a “comunidade transdisciplinar” de aprendizagem pelas rodas de diálogo que possibilitam a construção de conhecimento, tanto individual como coletivo, em diversos níveis (lógico racional, intuitivo, simbólico, metafórico, teórico, interdisciplinar, complexo) (Matarezi, 2024).

e cocriando outros mundos possíveis para que, assim, seja possível se (re)conhecer naquilo e naquele que deve ser conhecido por meio da participação e da experiência. Perseguimos, com esta perspectiva, “modos ecológicos de compreender as relações com o mundo” considerando a diversidade teórica e metodológica na produção de modos de conhecer próprios de uma “invenção ecológica” e de um “topos epistemológico” (Steil e Carvalho, 2014, p. 167-168).

Adotamos um recorte qualitativo centrado nas impressões e reflexões de mestrandos do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da UNIVALI, que participaram de uma oficina ViSO oferecida no primeiro semestre de 2021. A oficina foi conduzida como parte da disciplina “Seminário Temático: A Intervenção Cartográfica como Método de Pesquisa em Educação”. Trabalhamos com 10 participantes, mestrandos e mestrandas do PPGE, que também atuam como educadores em Escolas e Universidades em Santa Catarina. Nesse ambiente, devido à pandemia, realizamos atividades imersivas em ambiente virtual, em sessões de compartilhamento narrativo. Esta experiência serviu como estudo de caso, seguindo as fases de definição do objeto de estudo, coleta sistemática de dados e análise interpretativa, conforme preconizado por Oliveira (2008). O material gerado durante as vivências (depósitos narrativos online, gravações e reflexões coletadas) foi tratado como fonte de dados para entender as similaridades entre a ViSO e o cuidado de si.

O cuidado de si foucaultiano abre um campo de análise da produção de subjetividades. Na formação docente, a noção em Foucault de sujeito ético, constituído por práticas de si, ações morais sobre si mesmo, torna-se uma ferramenta instigante para repensar a educação, gerando múltiplas subjetivações. Segundo Castro (2020), tal processo de formação evidencia que o próprio sujeito se constroi continuamente enquanto agente crítico ao envolver-se em práticas reflexivas de si mesmo, desenvolvendo um “campo de constituição de sujeitos” na formação docente. Nesse sentido, integrar o cuidado de si à TdV, da maneira como estamos propondo, implica considerar a

autobiografia e a memória como recursos pedagógicos que fortalecem a autonomia crítica. Esta perspectiva dialoga com a Educação Ambiental emancipatória e transformadora⁶(Loureiro, 2004; Guimarães, 2022; 2007), possibilitando uma “aprendizagem autoconstruída” (Hoffmann *et al.*, 2019). A Educação Ambiental transformadora busca redefinir nossa relação com nós mesmos, com outras espécies e com o planeta, promovendo um entendimento mais profundo e holístico das interconexões que sustentam a vida. Essa perspectiva da Educação Ambiental destaca-se por suas potencialidades centradas no pensamento complexo e na abordagem relacional, na inter e transdisciplinaridade, pois “conhecer é fundamentalmente uma habilidade que adquirimos na relação com outros organismos e seres que habitam o mesmo mundo, e não uma prerrogativa humana que se processaria no espaço restrito da mente como uma operação racional” (Steil; Carvalho, 2014, p. 164).

A TRILHA DA VIDA E A INSTALAÇÃO VIDA SECRETA DOS OBJETOS

A TdV é desenvolvida desde 1998, como um projeto poético, pelo artista-pesquisador-educador-ambiental-patrimonial José Matarezi, que a sistematizou em suas pesquisas de mestrado (2017) e doutorado (2024) em Patrimônio Cultural e Sociedade. Configura-se como um projeto colaborativo de Arte e Ciência que promove itinerários sensoriais, performances coletivas e percursos ecoformativos em ambientes urbanos ou naturais representativos das diversidades biológica e cultural dos biomas brasileiros. Suas instalações propiciam experiências estéticas imersivas e vivências guiadas de descoberta ou redescoberta de conexões das pessoas com a natureza e com a cultura. Em todas as instalações, elementos naturais e artefatos culturais são utilizados como meios heurísticos de autodescoberta, mediadores das relações corpo-mundo ou como sociotransmissores, permitindo aos participantes metaforizarem a problemática socioambiental, a vida, a cultura e as relações históricas que estabelecem consigo, com o outro e com o lugar onde vivem.

Essas instalações são concebidas sob o conceito de “Espaços e Estruturas Educadoras” (Matarezi, 2005) integrando “Arte e Ciência” justamente pelo potencial de provocar descobertas e reflexões simultaneamente individuais e coletivas, como se as

⁶ Uma demarcação fundamental no campo da Educação e da Educação Ambiental é justamente a existência de diferentes concepções e epistemologias que configuram distintos campos entre o que é denominado de Educação Ambiental Cognitivista (conservadora, tradicional, conteudista, p.e.) e a Educação Ambiental Transformadora (crítica, emancipatória, libertária p.e.).

experiências fizessem parte de uma grande obra de arte. Uma dessas montagens é a Vida Secreta dos Objetos (ViSO), cujo foco recai sobre objetos pessoais e seus significados afetivos expressados em narrativas escritas individuais e dialogadas coletivamente. Inspirados pela estética conceitual de Joseph Kosuth (p.ex., *One and Three Chairs*, 1965)⁷ e pelas ideias participativas de Hélio Oiticica (1968, 2014), as proposições da ViSO encorajam os participantes a tornarem-se coautores do processo educativo, escolhendo e narrando objetos de sua história.

Joseph Kosuth, por exemplo, mostrava que o significado de objetos cotidianos é construído tanto pela descrição verbal quanto pela experiência visual (objeto material – imagem do objeto – texto que define o objeto), enquanto Oiticica (1968; 2013) propunha a arte ambiental, supra-sensorial, e criava ambientes imersivos (“Penetráveis”) nos quais o público interagia fisicamente com a obra. A ViSO retoma esses princípios. Ao escolherem e contarem histórias sobre seus objetos pessoais, o público participaativamente da construção de conhecimento, tornando-se parte viva da instalação.

Em linha com a “subjetividade criadora”⁸ (Rodriguez, 2012), essas atividades buscam romper dicotomias tradicionais (sujeito/objeto, científico/humano, natural/cultural) e fomentar a criatividade como uma maneira de abordar a arte e a educação focadas no olhar estético, na criatividade compartilhada e no poder poético das palavras. A TdV busca, portanto, integrar a arte e a reflexão pessoal no espaço diário dos participantes, estimulando que cada um reinvente seu ambiente como um produtor ativo de cultura.

Especificamente, a instalação ViSO propõe uma oficina em três movimentos principais, ou sequências de ações (proposições) que metaforicamente seriam

⁷ Criada em 1965, a obra *One and Three Chairs* (em português, Uma e Três Cadeiras), de Joseph Kosuth, é um marco fundacional da arte conceitual, movimento que desloca o foco da obra de arte do objeto estético para o campo das ideias e da linguagem. A obra é uma instalação composta por uma cadeira física (objeto de madeira), uma fotografia em tamanho real dessa mesma cadeira (imagem) e uma ampliação do verbete de dicionário da palavra "cadeira" (palavra/texto). A disposição lado a lado desses três elementos cria um jogo de espelhos entre o objeto, sua imagem e sua definição, suscitando questões centrais da filosofia da linguagem e da estética contemporânea, em especial da arte conceitual. Assim ela provoca uma reflexão radical sobre o que é uma obra de arte, desafiando noções tradicionais de representação, realidade e significado. A obra é, portanto, autorreferente, pois se interroga sobre si mesma: não busca emocionar ou representar, mas pensar, e fazer o espectador pensar, sobre os próprios limites e fundamentos da arte.

⁸ Segundo Rodriguez (2012), “ao recuperar a experiência estética como chave da criação, investe-se na reconstrução da própria subjetividade criadora (a partir da experiência e da capacidade, e não da carência ou à distância”.

“mergulhos do corpo”⁹. No primeiro momento, são realizadas atividades prévias e ambientação, iniciando com o mergulho dos participantes na exibição do curta-metragem *La Maison en Petits Cubes*¹⁰ (2008), que aborda a memória afetiva e a transformação da casa do protagonista pela inundação do tempo. Esse primeiro mergulho individual é compartilhado numa roda de diálogo sobre o “sentirpensaragir”¹¹ que cada um teve ao assistir o filme. O segundo momento/mergulho, denominado “Caminhada labiríntica”, é inspirado em Hélio Oiticica, que falava em “caminhar no estado labiríntico”, e consiste em uma exploração reflexiva da própria casa. Conforme Oiticica (1986), ao caminhar em estado labiríntico o indivíduo explora seu espaço como se este fosse um grande labirinto interior. Essa metáfora sugere que cada cômodo da

⁹ Referência à obra B47 Bólido Caixa 22 “Mergulho do Corpo” (1966-1967), de Hélio Oiticica, que esteve presente na exposição “Arte Democracia Utopia – quem não luta tá morto”, montada no Museu de Arte do Rio (MAR), em 2018. Ver: <https://museudeartedorio.org.br/programacao/arte-democracia-utopia-quem-nao-luta-ta-morto/>

¹⁰ A Casa em Pequenos Cubos (em japonês: つみきのいえ, Tsumiki no ie; título internacional em francês: La maison en petits cubes) é um curta-metragem de animação japonês de 12 minutos criado por Kunio Katō em 2008. O filme narra a história de um idoso cuja casa é continuamente inundada. A cada enchente, ele constrói um novo andar. Ao revisitar cada andar através de alçapões, em busca de seu cachimbo caído nos andares submersos, ele reconecta-se com diferentes fases de sua vida e suas memórias afetivas. Essa narrativa poética estimula reflexões sobre o tempo e as perdas pessoais, pois mostra como objetos e espaços cotidianos podem carregar histórias profundas. A experiência do filme prepara os participantes para relacionar seus próprios objetos à continuidade de suas trajetórias. O curta se torna uma alegoria sensível sobre como vamos empilhando nossas experiências, afetos e perdas — como pequenos cubos — até que tudo se transforma em memória. O curta não pretende “contar” uma história no sentido clássico, mas suscitar uma experiência emocional e visual, onde cada espectador preenche com sua própria vivência. Há um claro esforço estético para que o ritmo do tempo no filme espelhe o tempo da memória e da velhice — mais lento, pausado, introspectivo. *La Maison en Petits Cubes* é uma obra profundamente filosófica que evoca temas como tempo, memória, solidão, resiliência e a impermanência da vida. Sua potência simbólica está na capacidade de comunicar, sem palavras, as camadas invisíveis que habitam o interior de cada pessoa. Segundo Michele Sato, esse é um excelente exemplo de filme fenomenológico associado à poética do espaço de Bachelard (Matarezi, 2024). O curta ganhou o prêmio Oscar de melhor curta de animação de 2009. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=YUtoiyu80TM>. Acesso em 18 jun 2025.

¹¹ *Sentipensar* é um termo utilizado por Saturnino de la Torre (1997) para expressar a integração entre pensamento e sentimento como ato único de conhecimento, unindo reflexão e impacto emocional “até convergir num mesmo ato de conhecimento a ação de sentir e pensar” (Torre, 2001, p. 01). Segundo Moraes e Torre (2001), o conceito ilustra uma mudança paradigmática na ciência e na educação, alinhada a perspectivas ecossistêmicas e a uma sociedade em transformação. Paralelamente, e de forma convergente, vale registrar que Orlando Fals Borda (2015) resgata esse conceito de “sentipensar” a partir dos saberes tradicionais e da cultura do Caribe colombiano, nas comunidades ribeirinhas do Rio Magdalena, criando a figura do “homem hicotea” como forma de metaforizar as relações de resistência, luta e resiliência que essas comunidades estabelecem com a diversidade de habitats ecológicos e com as adversidades da vida naquele território. A hicotea é uma tartaruga de água doce, seus habitats são lagoas, pântanos, várzeas e margens de rios. Este *homem tartaruga* é *sentipensante* na medida em “que une razão e amor, corpo e coração, para se livrar de todas as (des)formações que desmembram essa harmonia e para poder dizer a verdade, como Eduardo Galeano captura em *O Livro dos Abraços*, em homenagem aos pescadores do litoral colombiano” (Fals Borda e Moncayo, 2015, p.10). A forma *sentirpensar*, é também amplamente aplicada por Michèle Sato na Educação Ambiental e na Arte-Educação-Ambiental, e expandida por Matarezi (2024) para *sentirpensaragir*, enfatizando a dimensão eco[trans]formadora da ação na construção de sociedades sustentáveis.

casa deve ser percorrido intencionalmente, de modo atento e sensível. Na prática, os participadores recebem orientações para andar lentamente pelos ambientes de seu lar, olhando para todos os lados como se fosse a primeira vez. Devem manter-se concentrados, evitando dispersões, e permanecerem conectados às sensações e memórias evocadas pela exploração. Uma distinção entre os termos intencional e atencional atribuídos ao ato de caminhar como processo educativo é feita por Tim Ingold (2015) ao problematizar os limites e riscos da educação moderna e estabelecer uma diferença entre caminhar no dédalo e no labirinto. Ingold (2015, p.25) nos alerta que, diferente do Dédalo, “no caminhar pelo labirinto [...] escolher não é uma questão. O caminho leva, e o caminhante deve ir para onde quer que ele o leve. Mas o caminho nem sempre é fácil de seguir”. Neste caso, o docente assume a função de medidor, propondo aos participantes andar ou, metaforicamente, mergulhar pela sua casa, olhar atentamente ao seu redor e escolher objetos significativos em cada cômodo. Os participantes são estimulados a tocar, observar e manipular livremente os objetos à sua frente, sentindo suas cores, texturas e formas. Após alguns minutos de exploração, cada participante seleciona um objeto de sua escolha e retorna ao seu lugar para criar uma “história de vida” para este objeto, exercendo neste momento tanto a linguagem escrita quanto visual pela produção de um autorretrato com o seu objeto. O terceiro momento/mergulho é o compartilhamento de narrativas em rodas de conversa, onde cada um lê a história que escreveu sobre o seu objeto e conta sobre as associações que ele despertou. Esse processo remete diretamente à proposta dos círculos de cultura de Paulo Freire (1993), onde teoria e experiência de vida se entrelaçam. Em cada roda, as reflexões dos participantes dialogam tanto com conceitos ambientais quanto com suas trajetórias pessoais. Assim, cada objeto torna-se um “gatilho narrativo” que evoca lembranças específicas e estimula a elaboração de sentido sobre o cotidiano.

Conforme a metodologia de Matarezi (2017), os resultados da oficina são narrativas escritas individuais, ricas em metáforas, sobre a “história de vida” dos objetos escolhidos. Essas narrativas frequentemente contêm analogias diretas com as próprias histórias de vida dos participantes, evidenciando como algo tão simples como um objeto pode ampliar nosso entendimento de si e do mundo ao despertar memórias pessoais profundas e expressar relações de alteridade, identidade e pertencimento.

Essa sequência de ações remete a uma educação experencial: aprende-se, por meio da vivência prática e sensorial, a experiência estética, ou uma estética da existência. Cultivar a estética da existência em sala de aula, nos termos de Mota e

Ferreira (2020), é uma forma de “romper as amarras da sujeição”, fazendo com que professores e alunos se tornem “objetos de elaboração de si mesmos”. Em outras palavras, ao protagonizarem suas próprias experiências sensoriais e reflexivas, todos se engajam num processo de autoconstrução, estabelecendo uma relação de cuidado mútuo que resiste à racionalidade puramente cartesiana. Nas oficinas ViSO, a ênfase no sensível – imagens, sons, materiais palpáveis – aproxima-se de uma abordagem fenomenológica, valorizando o conhecimento inteligível e sensível simultaneamente. Segundo Matarezi e Koehntopp (2017), a TdV integra o saber conceitual ao saber vivencial em cada atividade. Ao mesmo tempo em que os participantes percebem e sentem o objeto de forma concreta, são convidados a refletir sobre significados e contextos, articulando emoção e razão.

Essa integração remete a Hoffmann *et al.* (2019), que identificam na TdV aproximações com a fenomenologia de Merleau-Ponty, sobretudo na ênfase na experiência direta como caminho para conhecimento crítico. Por meio dessas vivências, a TdV busca estimular a consciência da passagem do tempo e a valorização da memória como patrimônio individual e coletivo. Neste sentido, a ViSO inscreve-se na educação ambiental e educação patrimonial crítica: não se trata de doutrinar sobre “meio ambiente”, mas de promover reflexão autocrítica e empoderamento estético. Em vez de meramente ensinar fatos sobre a natureza, procura conectar cada participante à sua própria história de vida, numa perspectiva que une ética e política. Essa prática pedagógica amplia o sentido das narrativas pessoais, mostrando que a compreensão de questões socioambientais está ligada à forma como cada sujeito conta a sua história e se relaciona com o mundo. Em suma, a ViSO estimula os indivíduos a colocarem suas vidas em diálogo com o contexto natural, mundo das coisas, fortalecendo a ideia de que cuidar de si e cuidar do planeta são dimensões complementares da mesma mudança de atitude.

O CUIDADO DE SI EM MICHEL FOUCAULT

O conceito de cuidado de si, inspirado nas práticas de si grego-romanas, foi desenvolvido nos cursos oferecidos por Michel Foucault no *Collège de France*, entre 1981 e 1984 e publicado na obra *A Hermenêutica do Sujeito*, publicado em 2001. No curso e na obra, Foucault empreendeu uma reconstituição genealógica do sujeito ocidental, deslocando o eixo tradicional da filosofia moderna, centrado no “conhece-te a ti mesmo”, para a anterioridade e centralidade de outro princípio grego: o “cuida de ti

mesmo” (*epimeleia heautou*). Segundo Foucault (2019), *epimeleia heautoû* (em grego, “ocupar- se de si mesmo”) designa a prática contínua de examinar a própria vida, cultivar virtudes e modelar-se como obra de arte. Com esse gesto, Foucault não apenas desestabiliza a ênfase cartesiana no sujeito cognoscente como também revela que a constituição do sujeito ético no pensamento antigo implicava uma prática ativa e contínua de si sobre si mesmo, em uma relação ética anterior à relação de conhecimento.

O cuidado de si, nos termos de Foucault, remonta ao mundo grego clássico e helenístico, especialmente a Sócrates e Platão e os estóicos e epicuristas. Longe de ser “autocontemplação satisfeita e prazerosa” ou uma “busca narcísica, fascinada e deslumbrada de uma verdade perdida do eu” (GROS, 2011, p. 482), o cuidado de si era entendido como uma prática de liberdade, de autoconstituição ética, de atenção permanente à alma e à conduta.

Trata-se de um imperativo ético que organiza uma série de exercícios, técnicas e disciplinas, o que Foucault (2019) chamará de “tecnologias de si”, voltadas para o aperfeiçoamento do sujeito, para sua preparação no enfrentamento da vida pública e da relação com os outros.

Segundo Foucault, o *epimeleia heautou* comprehende três elementos essenciais. Primeiro, ele é marcado por sua dimensão de inquietude e atenção constante, uma forma de vigilância de si sobre si mesmo, como forma de evitar o erro, o desvio e a ignorância. Segundo, exige uma transformação subjetiva: o sujeito que cuida de si busca operar em si mesmo uma mudança, um processo de conversão, ascese e autoconhecimento (Galo, 2019). Por fim, o cuidado de si supõe o acesso à verdade, não como um simples acúmulo de saber, mas como a constituição de um sujeito ético capaz de sustentar um modo de vida verdadeiro. A verdade, portanto, não se oferece a qualquer um; ela é um prêmio para quem se tornou digno dela através de práticas específicas (Foucault, 2019).

Foucault argumenta que o conhecido imperativo delfico “conhece-te a ti mesmo” (*gnôthi seauton*), geralmente associado à tradição socrática, não funcionava de forma autônoma ou isolada, como se a busca do conhecimento de si fosse o ponto de partida da filosofia. Ao contrário, esse princípio só fazia sentido no interior da lógica anterior do cuidado de si: era preciso primeiro cuidar de si para poder se conhecer. O autoconhecimento era, portanto, uma consequência do cuidado, não sua condição. Essa inversão cronológica e lógica é central na crítica foucaultiana à modernidade, que, com

o advento do sujeito cartesiano, passa a privilegiar o conhecimento objetivo e despersonalizado em detrimento da ética da formação de si (Foucault, 2019).

No mundo antigo, o cuidado de si era uma prática integral, que envolvia tanto exercícios espirituais quanto aspectos da vida cotidiana como a dieta, o sono, os relacionamentos, a meditação, a leitura, a confissão a um mestre, o exame de consciência. Tudo isso integrava um regime de subjetivação ética. O sujeito não nascia ético; tornava-se ético a partir de um trabalho contínuo e deliberado sobre si. Foucault vê nisso uma forma de subjetivação que contrasta radicalmente com as formas modernas, nas quais o sujeito é definido sobretudo como portador de direitos ou como entidade de conhecimento (Foucault, 2019).

Esse deslocamento é parte da arqueologia e genealogia que Foucault desenvolve em sua obra tardia, marcada por um crescente interesse pela ética antiga e pelas práticas de liberdade. Enquanto em seus escritos anteriores o foco recaía nas formas de dominação e nos dispositivos disciplinares (como nos estudos sobre prisões, loucura, hospitais), nos cursos dos anos 1980 Foucault desloca a atenção para as formas de constituição de subjetividade que não passam necessariamente por relações de poder coercitivo, mas por técnicas voluntárias e relacionais de condução de si. O cuidado de si aparece, então, como uma forma de resistência ao governo de si pelos outros, uma espécie de espaço ético que torna possível a liberdade (Foucault, 2019).

Ao recuperar esse conceito, Foucault não propõe um retorno nostálgico ao estoicismo ou à ética antiga, mas sim uma reativação crítica de um problema ético esquecido pela modernidade: como o sujeito pode se constituir a si mesmo eticamente em sua relação com a verdade, sem ser reduzido às estruturas de saber e poder que o objetivam? Nesse sentido, o cuidado de si não é um fechamento solipsista, mas uma abertura para novas formas de subjetivação e de relação com os outros, com a comunidade e com o mundo.

Ao colocar o cuidado de si como condição do conhecimento de si, Foucault propõe uma reconceitualização radical da subjetividade, na qual o sujeito é ativo, ético e autoconstituído, em vez de passivo, determinado ou puramente racional. Reapropriar-se desse conceito, segundo Foucault (2019), é também um gesto político de resistência às formas modernas de sujeição e abrir espaço para práticas de liberdade e de formação de si.

APROXIMAÇÃO ENTRE VISO E O CUIDADO DE SI

A instalação ViSO, embora não inspirada diretamente em Foucault, explora temas que guardam similaridade com a noção de cuidado de si. Ao estimular que cada participante interaja intimamente com seus objetos e memórias, a oficina promove o que poderíamos chamar de estética da existência, ou o “cultivo de si”, próximo da noção foucaultiana. Mota e Ferreira (2020) argumentam que essa estética ajuda professores e alunos em seus processos de construção de si, por meio do cuidado, reflexão e diálogo, permitindo que o sujeito veja a sua vida como uma obra em construção. De fato, os objetos na ViSO funcionam como facilitadores desse processo pois, ao assumir o papel de examinador de suas lembranças, o sujeito pratica, de certa forma, o antigo exame de consciência (Foucault fala em *excutire* e *scrutari*). Esse exercício implica revisitar e analisar as próprias experiências sob nova luz. Nesse processo, ao contar a história do objeto escolhido, cada participante realiza um autointerrogatório reflexivo na medida em que relembra momentos do passado, relaciona emoções e atribui significado a eventos vividos. Assim, pratica um escrutínio interior, como se fosse “escultor” de si mesmo, esculpindo sua trajetória a partir da narrativa elaborada. Em outras palavras, ao narrar suas experiências de forma estética, cada sujeito torna-se autor de si – o que é importante para Foucault.

Além disso, a ViSO introduz no ambiente educacional reflexões sobre tempo e finitude. Em Foucault (2006), a *mélête thanatôu* (meditação sobre a morte) era a técnica estoica para manter o sujeito consciente de sua condição mortal. No diálogo gerado pelas dinâmicas ViSO, surgiram questões sobre a passagem do tempo, mudanças pessoais e impermanência, alinhadas a essa tradição filosófica. Por exemplo, um participante comparou sua “cabeça compartmentada” ao exercício de enfrentar a realidade da finitude, ressoando com a prática estoica de contemplar a morte. Essa conexão ilustra como um simples exercício artístico pode tocar dimensões éticas profundas. Preparar-se para imprevistos ou refletir sobre perdas e gratidão tornam-se instâncias do cuidado de si. Em síntese, a experiência estética da ViSO serve de laboratório de subjetividade, em que cada narrador configuraativamente a própria identidade e autoimagem em relação com seus objetos de memória afetiva. Nessas experiências os objetos têm vida, têm histórias, têm existências e se expressam pelas relações reconstruídas durante a vivência. Os objetos falam e revelam segredos, mistérios, acontecimentos, eventos mesmos, que marcaram e atravessaram de forma muito particular, íntima, singular de cada participante. Mas essas marcas identitárias não se encerram em si. As histórias de vida dos objetos ganham novos contornos e se

ampliam ao serem compartilhadas e relacionadas às histórias dos outros objetos, que são faladas e ecoam dentro do coletivo, instituindo uma comunidade de aprendizagem pelo sentirpensaragir de cada objeto-pessoa em seu espaço-tempo. É por criar essas relações entre objetos, pessoas, tempos e lugares, que se pode inventar e cocriar o novo.

Segundo Foucault (2019), o cuidado de si pressupõe uma relação ética com o outro. Cuidar de si envolve também responsabilizar-se pelo outro. Nessa linha, a TdV enfatiza o aspecto social do cuidado de si e, ao compartilhar memórias em grupo, fortalece vínculos comunitários, distinguindo-se de uma mera terapia interior. Essa dimensão relacional se alinha a entendimentos de ecologia profunda¹². Logo, ao ampliar o cuidado de si para além do indivíduo, reconhece-se a conexão entre o sujeito, o outro e o mundo natural. Lovatto *et al.* (2011) destacam que a crise socioambiental atual resulta da visão antropocêntrica de dominação da natureza, que levou à desertificação, destruição de ecossistemas e mudanças climáticas. Em consonância com essa abordagem, podemos entender que reconhecer o elo entre memória pessoal, identidade e mundo natural contribui para uma consciência crítica do entorno. Dessa forma, a ViSO ilustra como práticas artísticas podem articular cuidado de si e responsabilidade ambiental, configurando pedagogias emancipadoras. Ela faz isso ao levar o indivíduo a refletir sobre sua própria vida a partir do meio simbólico dos objetos, ao mesmo tempo em que estimula a partilha dessas reflexões no coletivo. Logo, a ViSO promove uma autonomia crítica, na medida em que os sujeitos são convidados a (re)configurar suas narrativas de vida sabendo de seu impacto social e ambiental, tornando-se agentes ativos diante dos desafios socioambientais.

RESULTADOS – NARRATIVAS E REFLEXÕES DOS PARTICIPANTES

A pesquisa, na forma de uma oficina, foi aplicada durante o primeiro semestre de 2021, em formato virtual, devido ao período de isolamento decorrente da pandemia de Covid-19. A oficina, conforme descrito anteriormente, uma das instalações da abordagem metodológica Trilha da Vida (TdV), foi conduzida pelo professor José Matarezi, criador da metodologia, e mediada pela professora Mônica Zewe Uriarte, com a participação de dez educadores e pesquisadores, todos vinculados ao campo da

¹² A “ecologia profunda” sugere, portanto, que ao cultivarmos nosso cuidado pessoal (memórias, subjetividade e ética), incorporamos também o cuidado pelo outro e pelo planeta. A ViSO exemplifica essa articulação: ao resgatar histórias de objetos pessoais, conecta-se o cuidado de si com a responsabilidade socioambiental.

Educação. Conforme o autor, “a análise material recaiu de maneira focal sobre uma oficina aplicada para a turma do Programa de Pós-graduação em Educação da UNIVALI, durante o primeiro semestre de 2021” (Bernardino, 2023, p. 12).

O registro dos relatos foi realizado em plataforma do Google Drive, onde foi disponibilizado um formulário com perguntas abertas que buscavam descrever o objeto escolhido, voltadas à evocação de memórias e afetos associados: Qual objeto você escolheu? que o nome que você quer dar ao objeto? Conte uma história livre sobre o objeto. Cada participante apresentou um objeto simbólico coletado¹³. Os *insights* obtidos mostram que, ao cuidar de si mediante arte e memória, os participantes refletiram sobre valores éticos e manifestaram a percepção de que o cuidado consigo se estende ao cuidado com a comunidade e com o ambiente, em consonância com postulados de educação ambiental crítica e emancipatória. As histórias, registradas em questionário, mostraram a variedade de memórias mobilizadas. Uma aluna associou um quadro escolar a temas de autonomia infantil, enquanto outro participante conectou um globo terrestre a ideias de liberdade interior e viagens de vida. Cada narração realçava um aspecto de identidade pessoal, ressaltou a participante Carolina, reforçando que “os objetos são fragmentos da história de cada um, elementos da nossa construção”. Carolina escolheu como objeto um pequeno quadro de origami, uma silhueta de bailarina árabe.

Conforme esperado, emergiu no grupo um forte componente afetivo. A mestrandona Gesiele, que escolheu um presilha de cabelo, mencionou que um simples bilhete guardado de um aluno “é viver, nos deixa mais vivos”. Denise, que escolheu um quadro da Santa Ceia, descreveu objetos familiares “dotados de vida e de alma” que contam sua história. Essas falas ecoam diagnósticos foucaultianos (2006) sobre o papel da memória e da nostalgia no cuidado de si. Na Hermenêutica do Sujeito, Foucault explora como o cuidado de si envolve uma atenção constante à própria existência, onde a memória e a reflexão sobre o passado são ferramentas essenciais para a constituição do sujeito ético. Nesse sentido, a nostalgia pode ser compreendida não como um apego passivo ao passado, mas como um movimento ativo de ressignificação das experiências vividas, fundamental para a construção de uma vida autêntica e para o 'cultivo de si'

¹³ No formato remoto da ViSO, os participantes foram orientados a escolher objetos de seus próprios lares, “achados e percebidos pelos participadores em seus próprios espaços domésticos” (Bernardino, 2023, p. 48). Cada objeto, portanto, funcionou como gatilho de memória e porta de entrada para a reflexão existencial.

(Foucault, 2019).

Outros participantes destacaram a relação entre corpo, sensações e memória. Daguirmar, que tomou como objeto os seus cadernos coloridos da infância, falou de “ver- se de um jeito novo” ao colocar óculos e touca de natação, o que remete às técnicas estoicas do cuidado de si de examinar a vida cotidiana com estranhamento. Essa prática, que Foucault (2019) aborda ao discutir as ‘tecnologias do eu’ na filosofia antiga, visa a uma transformação de si por meio da reflexão e do distanciamento crítico das convenções. A experiência de Daguirmar, ao ressignificar sua imagem e percepção corporal, alinha-se à ideia de que o cuidado de si implica em um trabalho contínuo sobre si mesmo, buscando uma nova forma de ser e de se relacionar com o mundo, como proposto pelos estoicos e revisitado por Foucault (2019).

As expressões corporais e os sentidos mobilizados mostraram que a experiência não se restringiu ao plano racional, mas envolveu vivências estéticas. Segundo Mota e Ferreira (2020), “a estética da existência deve estar presente na sala de aula como um meio de romper as amarras da sujeição”, e as narrativas coletadas indicam que essa ruptura aconteceu nos relatos de autoconhecimento. Na oficina ViSO, a proposta de ressignificação dos objetos e a exploração das memórias afetivas proporcionaram um ambiente propício para a emergência de uma estética da existência. Ao compartilhar suas histórias e atribuir novos significados aos objetos, os participantes engajaram-se em um processo de autoconhecimento que transcendeu a mera racionalidade, promovendo uma vivência mais plena e sensível, alinhada à ideia foucaultiana de que o cuidado de si é também uma arte de viver.

Além disso, algumas respostas refletiram preocupações sociais e ambientais. Uma participante, Neila, que selecionou um quadro, dos primeiros passos, comentou sobre a cultura do descarte e a perda de memórias materiais na sociedade de consumo, conectando-a à importância de conservar lembranças mesmo sem objetos físicos, ideia que Foucault (2019) relaciona à ingratidão humana em “ignorar ganhos já obtidos”. Essa perspectiva pode ser aprofundada ao considerar a crítica foucaultiana à sociedade disciplinar e ao controle dos corpos e das subjetividades. A cultura do descarte, nesse contexto, pode ser vista como um mecanismo de apagamento da memória e da história individual e coletiva, dificultando o ‘cultivo de si’ e a resistência a modelos de vida preestabelecidos. A valorização das memórias, mesmo sem o objeto físico, torna-se um ato de resistência e de cuidado com a própria história e com o ambiente, em contraponto à lógica do consumo e do esquecimento.

Outro apontamento coletivo foi o sentimento de anseio por pertencimento. Manuele escolheu um paninho de cheiro, com elefantes coloridos, e expressou o desejo de “criar raízes” em um lugar, alinhando-se ao conceito de que o cuidado de si, ao promover a reflexão sobre a própria história e identidade, pode fortalecer o senso de pertencimento e a conexão com o ambiente e a comunidade. A busca por "criar raízes" e a valorização da memória e da tradição podem ser interpretadas como um desdobramento da constituição ética do sujeito, que, ao se voltar para si e para sua história, encontra um lugar no mundo e estabelece laços com o coletivo.

Isso mostra que, ao cuidar de si mediante arte e memória, os participantes naturalizaram valores éticos: o cuidado consigo se estende ao cuidado com a comunidade e com o ambiente, em consonância com postulados de educação ambiental crítica e emancipatória.

CONCLUSÃO

A análise mostra que a ViSO, dentro da TdV, operou como uma prática emancipatória de cuidado de si. Ao trazer à tona memórias pessoais por meio de objetos mundanos, a oficina fez o sujeito participante olharem para dentro de forma estética e reflexiva. Foucault (2019) descreve esse processo como “um movimento livre da representação”, em que a subjetividade se tece livre das imposições disciplinares. Em nossos dados, observamos que a ativação da memória levou os participantes a “abrir seus próprios cofres” (parafraseando Plutarco, em Foucault, 2019) e a conferir novos significados às experiências vividas. Essa prática resgata a noção de “arte de viver” como cuidado – no sentido grego de *téchne* – e sugere que intervenções artísticas podem ser efetivas na educação para a construção de sociedades sustentáveis. Os objetos, as coisas e elementos próprios de cada lugar evocaram memórias e lembranças de acontecimentos vividos, desempenhando um papel essencial na produção de subjetividades, da identidade, de alteridades e do sentimento de pertencimento, conforme já evidenciado por Matarezi e Silva (2022).

Os resultados indicam que a estética da existência, combinada com o olhar pedagógico, promove resistência ao esquecimento e à indiferença ambiental. Como destacou Mota e Ferreira (2020), essa abordagem constroi uma escola sensível, onde o sujeito aprende a “examinar o que se passa no seu íntimo” para depois agir no mundo. A ViSO exemplifica a possibilidade de traduzir ideias foucaultianas de autocuidado em metodologias concretas de aula, alinhando-se à liberdade proposta pela educação crítica.

Futuras pesquisas podem explorar o papel de práticas estéticas análogas em outros contextos educativos, avaliando seu impacto na formação de cidadãos críticos e na construção de narrativas de cuidado coletivo. Em suma, este estudo reforça a pertinência de Foucault à educação contemporânea: o cuidado de si, combinado à reflexão sobre memória e identidade, abre caminhos para uma educação ambiental verdadeiramente transformadora.

A pesquisa procurou demonstrar que a relação entre os valores éticos identificados e a Educação Ambiental crítica é de complementaridade, visando uma ética para a ação transformadora. O valor ético central explorado no artigo é o cuidado de si, prática que implica um trabalho contínuo de reflexão e autoconstituição para se tornar um sujeito ético. O ponto que procuramos evidenciar é que o cuidado de si não é um ato solipsista, mas uma abertura para a relação com os outros e com o mundo. Ao refletirem sobre valores éticos, os participantes manifestaram a percepção de que o cuidado consigo se estende ao cuidado com a comunidade e com o ambiente, em consonância com os postulados da educação ambiental crítica e emancipatória. A oficina que realizamos estimula os indivíduos a colocarem suas vidas em diálogo com o contexto natural, fortalecendo a ideia de que cuidar de si e cuidar do planeta são dimensões complementares da mesma mudança de atitude. O cuidado de si é ampliado para além do indivíduo, reconhecendo-se a conexão entre o sujeito, o outro e o mundo natural.

As práticas que promovem o cuidado de si, como o ViSO, articulam a responsabilidade ambiental e a reflexão sobre a identidade e memória pessoal, configurando-se como pedagogias emancipadoras essenciais para a formação de sujeitos críticos e socioambientalmente conscientes

REFERÊNCIAS

BERNARDINO, Elielson. **Trilha da vida:** uma aproximação da vida secreta dos objetos e a noção do cuidado de si foucaultiano como ferramenta da arte-educação ambiental. 2023. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2023.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. 2002. **A invenção ecológica:** narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil. 2a. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. O sujeito ecológico: a formação de novas identidades na escola. In: Pernambuco, Marta; Paiva, Irene. (Org.). **Práticas coletivas na escola.** 1ed. Campinas: Mercado de Letras, 2013, v. 1, p. 115-124.

CASTRO, Roney Polato de. Cuidado de si e formação ético-estético-política: contribuições foucaultianas a um processo de pesquisa. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 875-893, 2020.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

GALLO, Sílvio. Michel Foucault e a construção conceitual do cuidado de si. In: **Dossiê: Cuidado de si no último Foucault**. Linha Mestra, N.37, JAN.ABR. 2019.

GROS, Frèderic. Situação do curso. In: FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). Trad.: Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

GUIMARÃES, Mauro. (Org.). **Caminhos da educação ambiental**: da forma a ação. Campinas. Campinas: Papirus, 2007.

GUIMARÃES, Mauro. **Educação ambiental e a "comivivência pedagógica"**: Emergências e transformações no século XXI. Papirus Editora, 2022.

HOFFMANN, A., de CARVALHO L, N.; WESTPHAL, E, R. (2019). Aproximações da Trilha da Vida à uma abordagem fenomenológica. **REMEA - Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental**, 36(2), 342–358.

INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: “caminhar, imaginar e educar a atenção”. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul./dez. 2015.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

LOVATTO, P. B. et al.. Ecologia profunda: o despertar para uma educação ambiental complexa. Redes. **Revista do Desenvolvimento Regional**. v. 16, n. 3, p. 122-137, 2011. MATAREZI, J. Despertando os sentidos da educação ambiental. **Educar**, Curitiba, n. 27, p. 181-199, 2006.

MATAREZI, J; KOEHNTOPP, P, I. **Conhecimento sensível e inteligível na abordagem metodológica Trilha da Vida**. Confluências Culturais. Joinville, 2017.

MATAREZI, José. **“Trilha Da Vida” – Labirintos que se entretecem nos campos da Educação Ambiental e Patrimonial**. 2017. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) – Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2017.

MATAREZI, José. **Trilha da viva**: Rizomas e Poéticas no Patrimônio Cultural Ambiental. 2024. 366 f. Tese (Doutorado em Patrimônio Cultural e Sociedade) – Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2024.

MATAREZI, José.. Estruturas e espaços educadores. In: FERRARO JR., Luiz Antonio (org.). **Encontros e Caminhos**: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos

educadores. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, p. 161-173. 2005.

MATAREZI, José.. Trilha da vida: (re)descobrindo a natureza com os sentidos.

Ambiente & Educação–Revista de Educação Ambiental da FURG, Rio Grande: v. 5/6, p. 55-67, 2001.

MATAREZI, José; CARELLI, Mariluci Neis; DE CARVALHO LAMAS, Nadja.

Práticas da diversidade cultural na mediação entre o singular e o comum pela Trilha da Vida. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 18, n. 7, p. 227-247, 2023.

MATAREZI, José; CARELLI, Mariluci Neis; DE CARVALHO LAMAS, Nadja. A

performance, o suprasensorial e a experiência nas Instalações da Trilha da Vida.

REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, v. 40, n. 1, p. 31-52, 2023.

MATAREZI, José; SILVA, Rodrigo Cesário Pereira. Instalação Vida Secreta dos

Objetos: imaginação, memória e pertencimento na transição para sociedades

sustentáveis. In: LAMAS, Nadja de Carvalho e JAHN, Alena Rizi Marmo (Org.), “**Arte e Patrimônio – Perspectiva e diálogos com Nathalie Heinich**”. Editora Casa Aberta, Joinville (SC). 2022.

MOTA, Fernanda Antônia B.; FERREIRA, Adna Lusane N. “Estética da existência e

educação: algumas considerações sobre *stultitia* e *sapientia* no cenário escolar

contemporâneo”. **Revista Eletrônica PesquisEduca**, Santos, v. 12, n. 27, p. 304-319, 2020.

OITICICA, Hélio. **Aspiro ao grande labirinto**. Organização de Luciano Figueiredo. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

OITICICA, Hélio. **Conglomerado Newyorkaises**. Organização de César Oiticica Filho e Frederico Coelho. Rio de Janeiro: Azougue, 2013.

OITICICA, Hélio. O aparecimento do supra-sensorial na arte brasileira. **Arte em Revista**, n.7, 1968.

OLIVEIRA, C, L, de. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características.. **Travessias**, Cascavel, v. 2, n. 3, 2010.

RODRIGUEZ, Júlio Romero. O olhar estético e a ação poética para o redescobrimento da subjetividade criadora dos professores. **EntreVer – Revista das Licenciaturas**, Paranaguá, v. 2, n. 3, p. 251-263, 2012.

ROSSETTO, Miguel da Silva; DORO, Marcelo José. Formação continuada enquanto ética do cuidado de si. **Roteiro**, São Paulo, v. 46, p. 1-12, 2020.

SCHMID, Wilhelm. **Dar forma a nós mesmos: sobre a filosofia da arte de viver em Nietzsche**. Curitiba: Verve, 2007.

SCHMIDT, Angela Ferreira. **Trilha da vida e ambientes de aprendizagem: uma**

análise na busca de convergências. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – PUC-SP, São Paulo, 2003.

STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Epistemologias ecológicas: delimitando um conceito. **Mana**, v. 20, p. 163-183, 2014.